

DESIGN, CURADORIA E ARTE INDÍGENA: MEDIÇÕES PARA A PLURALIDADE CULTURAL E O REPOSICIONAMENTO SIMBÓLICO

RAISSA VASCONCELOS GALLI¹

PATRÍCIA LOPES DAMASCENO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – gallivraissa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pldamasceno@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os museus, historicamente concebidos como instituições de preservação e consagração cultural, também funcionaram como dispositivos de poder simbólico¹. Como observa BOURDIEU (1996), a representatividade é um ato político, capaz de legitimar determinadas narrativas sociais enquanto marginaliza outras. Entrar em um museu, portanto, significa acessar um espaço de prestígio onde algumas histórias são legitimadas como dignas de memória, enquanto outras permanecem silenciadas.

Essa desigualdade de representações revela o que DUNCAN (1995) identifica como a função ritual dos museus: lugares que consagram certas culturas em detrimento de outras. Nesse processo, como destaca MIGNOLO (2008), instituições ocidentais reforçaram uma lógica colonial de saber, apagando epistemologias² locais e subalternas sob a justificativa de universalidade.

O design, por sua vez, também opera nesse campo simbólico³. CARDOSO (2012) aponta que o design organiza a cultura material e os sistemas de informação, atribuindo sentidos às formas e narrativas visuais que circulam socialmente. Cada escolha projetual — seja iconográfica, tipográfica ou estética — reforça ou tensiona representações coletivas. Dessa forma, tanto o design quanto a curadoria⁴ atuam como mediadores do olhar social, influenciando a maneira como compreendemos o mundo.

Diante disso, este trabalho busca compreender como práticas curatoriais e projetuais operam como mediações culturais⁵, investigando de que forma podem reforçar estruturas hegemônicas ou promover deslocamentos críticos no imaginário coletivo.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, conforme delineada por GIL (2008), voltada à análise crítica de produções culturais e visuais. O foco esteve na investigação de como museus e o

¹ Dispositivo de poder simbólico: conceito inspirado em Bourdieu que se refere a mecanismos sociais (instituições, práticas ou discursos) que legitimam certas visões de mundo e identidades, enquanto marginalizam outras.

² Epistemologias: refere-se a modos de produção e validação do conhecimento.

³ Campo Simbólico: expressão utilizada por Pierre Bourdieu para designar o espaço social em que valores, significados e representações são disputados.

⁴ Curadoria: prática de selecionar, contextualizar e atribuir significado às obras em um espaço expositivo.

⁵ Mediações culturais: processos de intermediação simbólica por meio dos quais práticas, valores e significados circulam e são reinterpretados entre diferentes grupos sociais e contextos históricos.

design operam como dispositivos de poder simbólico⁶, legitimando ou silenciando narrativas sociais. O embasamento bibliográfico constituiu parte essencial do processo metodológico, reunindo referenciais teóricos de diferentes campos. BOURDIEU (1996) foi mobilizado para compreender a dimensão política da representatividade; DUNCAN (1995) contribuiu ao discutir o caráter ritual e legitimador dos museus; e MIGNOLO (2008) ofereceu bases para refletir sobre epistemologias decoloniais⁷. No campo do design, CARDOSO (2008) ampliou a compreensão dessa prática como fenômeno cultural e político, que não se restringe à aparência dos objetos, mas organiza fluxos de informação, materialidades e significados sociais.

Além dos referenciais teóricos, a pesquisa incorporou a obra de ESBELL (2021), cuja produção escrita e artística evidencia como a arte indígena contemporânea atua como gesto político, gesto de reparação e forma de mediação cultural. Suas reflexões dialogam diretamente com sua prática artística, em obras como *Entidades* (2021) e *Carta ao Velho Mundo* (2018-2019), analisadas na pesquisa como exemplos de deslocamento das narrativas coloniais e de reposicionamento simbólico.

Complementarmente, a exposição *Dja Guata Porã: Rio de Janeiro Indígena* (2017-2018) foi considerada como estudo de caso relevante no campo da museologia⁸, por sua curadoria compartilhada entre indígenas e não indígenas, representando uma prática concreta de descentralização de vozes.

Essa articulação entre bibliografia, produções artísticas e experiências curatoriais permitiu construir uma leitura crítica sobre como decisões projetuais e curatoriais configuram imaginários coletivos, reforçando ou questionando hierarquias simbólicas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa evidenciou que tanto a arte quanto o design, quando compreendidos de forma crítica e situada, podem operar como práticas transformadoras, capazes de tensionar estruturas simbólicas e desafiar narrativas hegemônicas⁹. A análise mostrou que as epistemologias indígenas¹⁰ não apenas ampliam o repertório estético, mas introduzem cosmologias que reconfiguram modos de ver, projetar e habitar o mundo.

Nessa perspectiva, o design se revela como prática de mediação cultural, cujas escolhas formais e discursivas carregam implicações políticas. Assumir essa dimensão significa reconhecer que projetar não é neutro: cada gesto visual participa de disputas simbólicas, podendo reforçar silenciamentos históricos ou contribuir para a restituição de presença e pertencimento coletivo. Assim como a

⁶ Poder simbólico: conceito de Pierre Bourdieu que se refere à capacidade de impor uma visão de mundo, valores e significados de uma cultura sobre outras.

⁷ Decoloniais: perspectiva crítica que busca questionar e superar a lógica colonial ainda presente nas estruturas de poder, valorizando saberes e práticas historicamente marginalizados.

⁸ Museologia: área de estudo e prática dedicada à teoria, organização e gestão de museus, envolvendo preservação, pesquisa, comunicação e mediação de acervos culturais e patrimoniais.

⁹ Narrativas hegemônicas: discursos dominantes que se consolidam como verdades sociais, legitimando determinadas visões de mundo em detrimento de outras, geralmente sustentados por estruturas de poder político, econômico ou cultural.

¹⁰ Epistemologias indígenas: formas de produção e transmissão de conhecimento desenvolvidas por povos originários, baseadas em cosmologias próprias, na oralidade, nos vínculos com a natureza e na coletividade, em contraste com modelos ocidentais universalizantes.

arte indígena exige escuta, o design do presente exige reposicionamento ético — um caminhar junto com outras vozes, outras estéticas e outras formas de futuro.

Como contribuição acadêmica, este estudo reforça a importância de integrar debates decoloniais às reflexões sobre design, destacando o papel do designer como agente capaz de questionar paradigmas eurocêntricos e propor novas formas de produção cultural. Essa articulação entre arte indígena, curadoria e design abre caminhos para práticas mais engajadas, plurais e eticamente comprometidas.

Embora não se trate de conclusões definitivas, a pesquisa aponta para a necessidade de repensar o ensino, a prática profissional e as políticas do design a partir de uma perspectiva decolonial. Futuras investigações podem explorar metodologias projetuais inspiradas em epistemologias não ocidentais, aprofundando o potencial do design como gesto de reparação simbólica, fortalecimento coletivo e construção de futuros mais justos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

DUNCAN, C. **Civilizing Rituals: Inside Public Art Museums**. London: Routledge, 1995.

ESBELL, J. **Mira! Artes visuais contemporâneas dos povos indígenas**. São Paulo: Sesc, 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la decolonialidad**. Buenos Aires: Del Signo, 2008.

GUEDES, Leandro; BESSA, José Ribamar. Curadorias compartilhadas em exposições indígenas: o caso de “Dja Guata Porã” no Museu de Arte do Rio. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 89-117, jan./jul. 2020.

SESCTV. **Jaider Esbell — Entrevista completa**. YouTube, São Paulo, 2021. Entrevista. Acessado em: 24 maio 2025. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WRHdt5WZhMw>